
A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ALUNO SURDO EM UMA ESCOLA TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO

THE DEAF STUDENT'S PROFESSIONAL FORMATION IN A TECHNICAL SCHOOL OF MEDIUM LEVEL

Nádia Fernanda Martins de Araújo

Minicurrículo

Professora Auxiliar (regime de Dedicção Exclusiva) da área de Libras, na Universidade Federal do Piauí, (UFPI/ CSHNB - PARFOR). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. (2014). Especialista em Gestão e Supervisão Escolar e em Docência no Ensino Superior - FAEME (2015). Especialista em Língua Brasileira de Sinais - UESPI (2016). Intérprete educacional de Libras.

E-mail: nadiafaraujo@ufpi.edu.br

Renária Rodrigues de Castro

Minicurrículo

Graduanda em Letras Libras (UFPI), graduada em Pedagogia pela Universidade estadual do Piauí - UESPI (2008), pós-graduada em Educação Contextualizada para o Semiárido também pela UESPI (2012), professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Picos e Coordenadora Pedagógica do Centro Estadual de Educação Profissional Petrônio Portela. E-mail: renaria.castro1@gmail.com

RESUMO

A empregabilidade da pessoa com deficiência não resulta apenas do esforço individual, esse fato vai além da qualificação profissional, no caso da pessoa surda se faz necessário uma nova postura por parte das pessoas à sua volta, que tenha consciência que uma formação profissional desenvolvida junto a três fatores importantes que são: competência, funcionalidade e autonomia. Baseado neste pensamento o objetivo geral deste artigo é compreender como ocorre à aprendizagem profissional do aluno surdo usuário da Língua Brasileira de Sinais - Libras no CEEP Petrônio Portela escola técnica de nível médio integrado no município de Picos-PI. Esse trabalho está estruturado em:

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ALUNO SURDO EM UMA ESCOLA TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO

referencial teórico, baseado nas leituras de Klein (2001; 2003; 2010), Pfeifer (1999), Falcão (2017), Sasaki (2010). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório descritivo, um estudo de caso com um aluno surdo e com três professores que atuam nas diferentes disciplinas do curso em que ele está matriculado, para isso foi utilizada entrevistas semiestruturadas. Entende-se que o processo para adquirir competência e exercer uma profissão, em se tratando de pessoas com deficiência, é um desafio que exige soluções diferenciadas e inovadoras por isso, o presente artigo permeia-se entre a própria prática profissional e o curso de Letras Libras, constituindo-se em uma parceria que fez surgir o desejo de aprofundar os conhecimentos sobre a formação profissional de pessoas surdas. A pesquisa permitiu colher às informações necessárias sobre esse processo em uma escola profissionalizante.

Palavras-chave: Libras. Educação. Formação Profissional.

ABSTRACT

The employability of person with disabilities does not only result of the individual effort, this fact goes beyond professional qualification, in the case of the deaf person it is necessary a new posture by the people around him, who is aware that a vocational training developed along three important factors that are competence, functionality and autonomy. Based on this thought, the general objective of this article is to understand how it happens the professional learning of the deaf student user of the Brazilian Sign Language (Língua Brasileira de Sinais) – Libras at CEEP Petrônio Portela, a technical school of medium level integrated in the municipality of Picos-PI. This work is structured in theoretical reference, based on the readings of Klein (2001; 2003; 2010), Pfeifer (1999), Falcão (2017), Sasaki (2010). It is a qualitative research of descriptive exploratory character, a case study with a deaf student and with three teachers who work in different disciplines of the course in which he is registered, for this was used semi-structured interviews. It is understood that the process of acquiring competence and exercising a profession, in the case of people with disabilities, is a challenge that requires differentiated and innovative solutions, so the present article pervades between the own professional practice and the course of Letras Libras, being constituted in a partnership that made rise to the desire to deepen the knowledge about the vocational training of deaf people. The research allowed to gather the necessary information about this process in a vocational school.

Keywords: Libras. Education. Vocational Training.

INTRODUÇÃO

Freire (1979) diz que à educação deve ser para o homem algo inacabado o que implica em uma busca constante da perfeição, diz ainda que “o homem deve ser sujeito de sua própria educação” (FREIRE, 1979, p.14) e, pensando nos diferentes discursos de Klein (2001), (2003) e (2010), Pfeifer (1999), Falcão (2017) e Viana (2010) sobre a formação dos sujeitos surdos em relação a profissionalização no ambiente educacional, nos faz compreender de forma privilegiada, a lógica que a deficiência pode ser superada, principalmente com o reconhecimento da Libras (Língua Brasileira de Sinais) em todos os segmentos da sociedade.

O trabalho é libertador, leva “o sujeito com deficiência auditiva à conquista da autonomia”, principalmente se for compreendido em sua língua natural, no caso do surdo brasileiro a Libras. Grande parte das escolas de surdos da América Latina proporciona escolaridade de séries iniciais, porém, se os surdos pretendem continuar os estudos inserem-se em escolas regulares em regime de integração (KLEIN, 2010, p. 83). Porém as escolas profissionalizantes de cursos integrados ao médio, não estão atendendo o objetivo de ampliar a empregabilidade dos jovens deficientes. Nesse

sentindo, a educação profissional considerando as estratégias de políticas públicas de acesso e permanência no meio produtivo deve priorizar os programas de qualificação profissional frente à questão da deficiência (VIANA, 2010, p. 79-81).

Pfeifer (1999) diz que o processo para adquirir competência para exercer uma profissão em se tratando de pessoas com deficiência é um desafio que exige soluções diferenciadas e inovadoras, reforçando que o papel da escola nesse processo é fundamental, pois auxilia o educando, com deficiência ou sem, a enfrentar e obter êxito num mercado de trabalho tão competitivo.

O presente artigo permeia entre minha prática profissional e o próprio curso de Letras Libras, constituindo-se em uma parceria que fez surgir o desejo de aprofundar os conhecimentos sobre a formação profissional das pessoas surdas. O trabalho justifica-se pelo fato do tema sobre a formação profissional da pessoa surda estar presente nas discussões no meio acadêmico e também por esta autora trabalhar em um Centro de Educação Profissional, onde desde o ano de 2017, encontra-se matriculado em um curso técnico um discente surdo que utiliza a Libras para se comunicar.

São visíveis as dificuldades para inclusão de pessoas com deficiência na escola e também no mercado de trabalho, pois segundo Silva (2012, p. 12) a história da inclusão escolar ultrapassou séculos, partindo do atendimento nas Santas Casas de Misericórdia até chegar ao período de institucionalização da educação especial, hoje apesar de inúmeras leis que garantam a inclusão das pessoas com deficiências nas escolas, ainda se percebe a ausência de recursos para adaptação e acessibilidade em muitas escolas tanto públicas quanto particulares, que até mesmo se recusam a realizar a matrícula se essa acessibilidade gerar ônus para elas.

Sasaki (2010, p. 57) ressalta que o mercado de trabalho, no passado, podia ser comparado a um campo de batalha, onde de um lado ficavam “as pessoas com deficiência e seus aliados empenhados para conseguir alguns empregos e, do outro, os empregadores, praticamente despreparados e desinformados sobre a questão da deficiência.” Isso não mudou muito nos últimos anos, pois somente algumas empresas por força da Lei de Cotas nº 8.213/1991, contratam pessoas com deficiência. Pois “[...] no Brasil, a inclusão vem sendo praticada em pequena escala por algumas empresas” (SASSAKI, 2010, p. 63).

A escola profissional tem um papel importante nesse processo e deve desenvolver ações que esclareçam junto às empresas e aos familiares da pessoa com deficiência as verdadeiras capacidades, potencialidades e oportunidades dessas pessoas, diante do exposto, surgiu o seguinte questionamento: como ocorre a aprendizagem profissional do aluno surdo usuário da Libras em um Centro de Educação Profissional que oferta cursos técnicos de nível médio integrado?

Com base no que já foi discutido anteriormente este trabalho tem como objetivo geral: Compreender como ocorre a aprendizagem profissional do aluno surdo usuário da Libras em um Centro de Educação Profissional que oferta cursos técnicos de nível médio integrado. E como objetivos específicos: Caracterizar o processo ensino-aprendizagem na escola de formação profissional, onde está inserido o aluno surdo; Descrever a área profissional e os motivos de escolha do aluno surdo pelo curso técnico; Refletir sobre as metodologias utilizadas pelos professores da educação profissional para incluir o aluno surdo usuário da Libras em suas aulas.

A pesquisa permitiu colher às informações necessárias sobre o processo de formação profissional da uma pessoa surda no Centro de Educação Profissional Petrônio Portela na cidade de Picos-PI, com a intenção de mostrar aos profissionais da educação uma reflexão sobre as suas práticas docentes, para reestruturar o cotidiano da escola técnica profissionalizante, valorizando assim, a diversidade humana.

O SURDO E O TRABALHO

Ballesteros (1856, p.120) no século XIX dizia que “Não basta ensinar aos surdos-mudos¹ os meios de comunicar com a sociedade por meio da linguagem. É preciso assegurar a eles o pão de cada dia, dar-lhes condições de uma arte, de um ofício, e por isto, em todos os colégios deve haver oficinas de trabalho”. Ou seja, naquela época, esse autor já tinha acreditava na capacidade das pessoas surdas, deixando claro para o ministro de fomento de Madri que era preciso garantir a elas, condições de próprio sustento através de uma educação que as habilitassem para o trabalho.

Hoje, porém, ainda existem muitas pessoas, até mesmo familiares de pessoas surdas que têm preconceito e dizem que os surdos são pessoas de “MENTE FRACA” (FALCÃO, 2017, p. 433), ou que não precisam estudar ou trabalhar, porque são beneficiadas pelo BPC (Benefício da Prestação Continuada) menosprezando a capacidade intelectual delas.

O BPC é um benefício previdenciário nacional mensal a título de contribuição social do governo federal que muitos surdos brasileiros recebem pelo fato de ter uma deficiência. Segundo Falcão (2017, p. 425) existe uma cultura entre os surdos de que não precisam de formação escolar nem profissional e que não precisam trabalhar diante deste direito, embora estejam garantidos por Lei caso não se adaptem ao serviço que seja reintegrado ao BPC.

Falcão (2017, p. 433) diz ainda que “[...] mediante essas dificuldades, a inclusão dos surdos no mercado de trabalho deverá ser preocupação tanto para família, para a escola quanto para a pessoa surda que deve ser encorajada com exemplos de outros surdos”. Mostrando a importância de a pessoa surda ter contato com outras pessoas surdas e assim, sentir-se motivada a buscar mais conhecimentos e autonomia.

O mundo do trabalho: um olhar sobre a educação profissional do surdo

Santana (2007) cita na introdução do seu livro “*Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*” uma reflexão a respeito da surdez e a possível implicância para se conseguir um bom emprego, dizendo que:

O diagnóstico da surdez traz, junto com ele, os pré-construídos culturais em relação ao “ser surdo”: impossibilidade de falar, de aprender, falta de inteligência, insucesso na escola, incapacidade de conseguir um bom emprego etc. Quando uma família ouvinte descobre que o filho é surdo, tem que fazer escolhas: se realizará cirurgia de implante coclear, se aprenderá a língua de sinais, [...] se irá coloca-lo em uma escola regular ou especial (SANTANA, 2007, p.13).

A afirmação de Santana (2007) nos faz refletir sobre o tema: Surdez, que no ponto de vista dela se torna fator condicionante da existência da pessoa, envolvendo muitos aspectos como: ordem médica (diagnóstico e tratamento), ordem linguística (processos diferentes de aquisição da linguagem oral e/ou de sinais), de ordem educacional, de ordem social (dificuldades de interação com ouvintes), de ordem trabalhista (dificuldades de empregabilidade e luta pelas cotas) e de ordem política (luta pelos próprios direitos) (SANTANA, 2007, p. 13-14). A família ouvinte que não busca esclarecimentos a respeito da surdez, geralmente procuram garantir que seu filho possa falar, principalmente se médicos garantir que isso seja possível. Já a família ouvinte que é esclarecida sobre todos esses aspectos está engajada a buscar os melhores meios para que seu filho surdo se desenvolva com competência buscando sempre a autonomia e independência.

1 Termo utilizado na época da publicação, hoje em dia o termo não é mais aceito pela comunidade surda, admitindo apenas o termo surdo.

A família que se compromete com o desenvolvimento cognitivo e social do seu ente surdo busca a melhor forma de incluí-lo no ambiente escolar, nesse sentido, Pfeifer (1999, p.1) salienta que cabe às escolas, sobretudo as escolas especiais oferecer uma educação que proporcione aos estudantes com “deficiência, o desenvolvimento pessoal e à socialização, oferecendo um olhar amplo sobre as várias questões que envolve o mundo do trabalho”. Ressalta ainda que

É fundamental que as pessoas com deficiência conheçam suas aspirações, limitações e, a partir daí, construam o conhecimento necessário para integrá-lo na vida prática. Por essa razão, faz-se necessário oferecer programas que procurem sondar e analisar os interesses e aptidões e, a partir disto, orientar na escolha da profissão (PFEIFER, 1999, p.1).

A autora expressa à ideia que o sujeito surdo precisa ser consciente de seus anseios e também de suas limitações, isso porque o mercado de trabalho encontra-se cada vez mais competitivo e exigente em relação à qualificação profissional, exatamente por esse motivo ela diz que deve-se oferecer programas que façam sondagem e análise das aptidões desses sujeitos. Falcão (2017, p. 431) diz que uma conquista social para o surdo é “[...] poder estudar e estruturar a vida como sujeito ativo e produtivo”, sendo reconhecidos e não encobertos por privilégios e/ou superproteção.

O ser humano em sua grande maioria reconhece-se neste pensamento, pois qualquer pessoa, que tenha uma deficiência ou não, quer ter sua autonomia produtiva, principalmente na fase adulta, então não seria diferente com a pessoa surda, embora ela tenha as limitações da ausência auditiva, isso não a impede de ter aspirações profissionais e a vontade de estar incluída no meio laboral. Sasaki (2010, apud FALCÃO, 2017, p. 432-433) traz uma visão não imediatamente profissionalizante quando se refere aos “cursos existentes e os cursos futuros que deverão se adaptar-se ao perfil do novo aluno que reflete a diversidade humana”, afirmando que o “modelo social da exclusão” está na sociedade, por tanto é a sociedade que “deve eliminar todos os fatores de incapacidade e excludentes”, sendo a sociedade que deve “adequar-se as necessidades [...] das pessoas” com deficiência e não o contrário.

Nesse sentido, convém concordar com Falcão (2017), pois o que impede as pessoas surdas de se inserirem no mercado de trabalho não é a surdez, muito menos a Língua utilizada por elas, é a própria sociedade onde estão inseridas, que, preconceituosamente, desde a antiguidade consideravam os surdos como seres não pensantes, pois acreditavam que a fala era o resultado do pensamento, e por receio da dificuldade de comunicação as deixam na dependência de seus pais e dos benefícios assistencialistas, muitas vezes a própria família é agente impeditivo para que elas busquem a autonomia e conseqüentemente a independência e competência profissional.

Sabe-se que as escolas de surdos são locais privilegiados, principalmente nos discursos em relação ao surdo e ao trabalho. O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), localizada na cidade do Rio de Janeiro hoje, conta com um programa desenvolvido pela Divisão de Qualificação e Encaminhamento Profissional (DIEPRO) que tem o objetivo qualificar e encaminhar a pessoa surda para o mercado de trabalho, valorizando suas potencialidades e promovendo o exercício da cidadania. Porém, o INES é uma instituição que fica distante da maioria dos estados brasileiros, os surdos que pretendem se qualificar profissionalmente seguem o inevitável caminho de integração dos sujeitos surdos com uma “sociedade ouvinte”.

METODOLOGIA

O presente estudo utilizou a abordagem qualitativa de natureza descritiva, pois segundo Lakatos e Marconi (2011, p. 271) “[...] a pesquisa qualitativa há um mínimo de estruturação

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ALUNO SURDO EM UMA ESCOLA TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO

prévia. Não se admitem regras precisas, como problemas, hipóteses e variáveis antecipadas, e as teorias aplicadas deverão ser empregadas no decorrer da investigação”. Este tipo de pesquisa se adequa a temática que se investigou, pois as informações a serem coletadas foram confrontadas com o estudo de teorias anteriores, até porque nas “pesquisas descritivas o objetivo primordial é à descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Quanto aos instrumentos se utilizou o estudo de caso, por permitir o conhecimento amplo e detalhado. De acordo com Yin (1981, p. 23 apud GIL, 1994), o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência.

Para coleta de dados foi utilizada a entrevista, do tipo semiestruturada, segundo Alves-Mazzotti (1999, p.168) a entrevista, por ser de natureza interativa, “permite tratar de temas complexos, que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os e aprofundando-os”. Semiestruturada porque dá ao entrevistador liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada, com o intuito de identificar como ocorre o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo em um Centro de Educação Profissional.

Na análise de dados das pesquisas qualitativas busca-se atingir os significados manifestos e latentes no material qualitativo, através de técnicas de análise de conteúdo, análise de expressão, a análise de relações, a análise temática e análise da enunciação (GIL, 2002). No entanto, para Marques (2006), não existe nada pronto para aqueles que pretendem utilizar a análise de conteúdo como método em suas investigações. Na verdade, para este autor, existem apenas algumas regras básicas, que permitem ao investigador adequá-las ao domínio e objetivos pretendidos, reinventando a cada momento uma maneira de analisar.

Na pesquisa desenvolvida, além do estudo de caso (material colhido nas entrevistas e observação), também foram utilizados, como fonte, o estudo bibliográfico acerca do tema proposto. A observação desse estudo teve por base o que diz González Rey (2002, p. 57) sobre um momento informal, que é na informalidade que os sujeitos manifestam elementos que estavam obscurecidos ou que não se sentiram à vontade para manifestar nos momentos formais.

A proposta desta pesquisa para análise dos dados, portanto, foi que após a organização preliminar das observações, fez-se a análise das mesmas individualmente, agrupando as ideias comuns até que cheguem a um parecer coerente, que pudesse apontar as dificuldades, desafios e perspectivas para a formação profissional do aluno surdo. Com isso, o resultado da análise de dados foi confrontado com a literatura estudada na busca de concordância/divergência com outros estudos.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As escolas e os centros de formação devem repensar suas finalidades, seu currículo, suas formas de atuação, isto porque é buscando na escola regular a qualificação necessária que os surdos se inserem para poder buscar inserção no mercado de trabalho (FALCÃO, 2017, p. 432). Nos próximos tópicos serão discutidos a relevância do acesso a formação profissional pelo aluno surdo.

O estudo de caso: A instituição e seus participantes

O estudo foi realizado na escola técnica o Centro Estadual de Educação Profissional Petrônio Portela localizada à Rua Moacir Luz, s/nº Bairro Canto da Várzea na cidade de Picos-PI, criada pelo Decreto Estadual nº 5.308 de 24 de janeiro de 1983, atualmente oferta cursos médio integrado a educação profissional em quatro eixos tecnológicos: Meio Ambiente e saúde; Informação e comunicação; Gestão e negócios; Segurança. Historicamente, foi estruturado com recursos do PREMEN (Programa de Expansão e Melhoria do Ensino) e mantido pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Piauí, sob a modalidade de Ensino Integrado / 2º grau com habilitações básicas em: Construção Civil, Mecânica, Comércio, Saúde e Agropecuária.

Com avanços tecnológicos e as mudanças no ensino-aprendizagem, a escola foi reformada pelo PROEP (Programa de Reordenamento da Educação Profissional, para oferecer a partir de 2004, Educação Profissional nos níveis técnicos e básicos. Atualmente ofertando os cursos de educação profissional em: Serviço Jurídico, Recursos Humanos, Segurança do Trabalho, Análises Clínicas, Farmácia, Enfermagem, Agente Comunitário de Saúde, Redes de Computadores e Informática.

Para realização do referido escopo observou o aluno surdo em sua realidade escolar no Centro de Educação Profissional Petrônio Portela, ele sendo o primeiro surdo matriculado na escola que está localizada na cidade de Picos - PI. Nasceu no estado do Ceará na capital Fortaleza, terra natal de seu pai, veio morar na cidade de Picos-PI ainda criança, deficiente auditivo desde a infância, usou aparelho até o início de sua adolescência quando perdeu o aparelho e seus documentos em uma mudança, impossibilitado de ir à busca de um novo aparelho, devido às baixas condições financeiras da família, aprendeu a Língua de Sinais Brasileira - Libras, no início de sua adolescência com uma professora de Libras do projeto comunitário AABB Comunidade na cidade de Picos - PI, é oralizado, mas prefere se comunicar através da Libras.

Como escuta um pouco e consegue fazer leitura labial escreve em português com certa fluência, embora em algumas situações a estrutura da Libras apareça em sua escrita. Para que fosse possível a produção de dados desta pesquisa, foi realizada uma entrevista com esse aluno utilizando a Língua Brasileira de Sinais - Libras tanto pelo surdo como pela pesquisadora desse estudo, onde as perguntas e as respostas foram todas sinalizadas, depois, para a produção desse trabalho a autora traduziu para o português.

Foram sujeitos desse estudo também três professores que atuam nas diferentes disciplinas da base técnica do curso de informática em que está matriculado o aluno surdo. Os três são graduados na área de sistema da informação e iniciaram a carreira docente recentemente.

A referida escola oferta educação profissional de nível médio através de cursos técnicos nas modalidades Integrado ao médio e PROEJA (Programa Nacional de Educação Profissional com a Educação Básica de Jovens e Adultos) O programa teve inicialmente como base de ação a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Por meio do Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006, depois foi ampliado em termos de abrangência e aprofundamento em seus princípios pedagógicos, passando assim a contemplar diferentes cursos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2006).

O local destinado à realização desse estudo trata-se de um Centro de Educação Profissional da rede estadual de ensino do Piauí, localizada na zona urbana da cidade de Picos - PI. A instituição referida oferece nos turnos três turnos (manhã, tarde e noite) educação técnica profissional, atendendo aproximadamente 659 alunos da microrregião.

Não há registros na escola a respeito de outros alunos com deficiência, então considera-se como sujeitos desse estudo o primeiro aluno surdo matriculado na escola e três professores que

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ALUNO SURDO EM UMA ESCOLA TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO

ministram disciplinas da base técnica no eixo tecnológico de informação e comunicação do curso técnico de informática. As entrevistas e observações foram realizadas nos meses de maio a julho e as análises dos resultados ocorreram no período de julho a agosto de 2018.

Constituição do cenário social da pesquisa com o primeiro aluno surdo do CEEP Petrônio Portela

No passado, as escolas de surdos tinham objetivos relacionados às necessidades emergentes das fábricas, exemplo disso foi citado por Klein (2010, p. 80) sobre uma publicação do Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris, onde ela pode verificar que a questão do trabalho era um dos objetivos da escola. Nos tempos atuais e se tratando de uma região onde não existem escolas de educação para surdos foi perguntado ao aluno surdo do CEEP Petrônio Portela: Quais motivos lhe fizeram escolher um curso técnico? Sua resposta foi rica em detalhes, dizendo:

Porque a informática é mais importante para eu trabalhar nas lojas do comércio e eu queria aprender um pouco mais sobre a informática para arranjar um emprego mais fácil, se eu não tivesse escolhido informática não teria como arranjar um emprego mais fácil. Aprender a consertar computador, baixar aplicativo do programa, aprender fazer arte Corel Draw, aprender a digitar, aprender a mexer no computador, quando for secretário, resolver os problemas do computador no CPU, no sistema, nos programas e várias outras coisas (ALUNO SURDO)².

Cabe ressaltar que o curso escolhido por ele foi o curso de informática, área tecnológica que está em constante evolução. Pelo teor da resposta, fica evidente que ele sabe exatamente o que essa área demanda, pois esses cursos foram “implantados em uma época de crescente interesse por computadores, em que grandes empresas e bancos necessitam de mão de obra específica para a digitação”, configuração e manutenção dessas máquinas (KLEIN, 2010, p. 83). Por está “antenado” com os aspectos tecnológicos que permeiam a sociedade atual, ele é consciente das possibilidades que essa área representa nos dias de hoje e futuramente.

Klein (2010, p. 83) explica que muitas escolhas dos sujeitos surdos por atividades profissionais são motivadas pela família e educadores por acreditarem que a informática seja uma atividade ideal para os surdos, nesse sentido, se perguntou ao aluno surdo se ele se identifica com o curso que escolheu e suas motivações? Como resposta ele disse:

Bom, eu não gosto muito de informática, poucas coisas eu gosto de informática. Agora, a informática ajuda a pessoa a ter um bom salário e é bom trabalhar na sombra (ALUNO SURDO).

Pela resposta dele pode-se perceber que ele tem a perspectiva que essa área é bem remunerada e não é desgastante fisicamente, embora não goste muito da área ele vê possibilidade de ter uma vida laboral produtiva financeiramente falando. Tem esse ponto de vista por ver pessoas da comunidade e da própria escola tendo um bom padrão de vida por trabalharem nessa área.

Para Sasaki (2010, p. 31) foi a partir do final da década de 60 que o movimento pela integração social começou a procurar inserir as pessoas com deficiência nos sistemas sociais gerais como a educação, o trabalho, a família e o lazer. A respeito da integração, perguntou-se ao aluno surdo se os professores procuram se comunicar com ele para saber se o mesmo está entendendo os conteúdos.

Muitos não. Tem algum professor na sala que é muito básico, tem professor que não explica

2 Texto traduzido em português pela autora.

bem e tem professor que explica muito bem, aí eu acho que eles não conversam comigo (ALUNO SURDO).

A integração que deve ocorrer na sala de aula entre o aluno surdo e os outros de maioria ouvinte segundo Sassaki (2010, p. 33) têm que de alguma forma capacitada a superar as barreiras. O que em muitas escolas da rede regular a atual dizem superar fazendo a inclusão das pessoas surdas por meio da presença de um intérprete. No entanto, não é possível incluir o aluno surdo apenas com a presença do intérprete, deve-se criar um ambiente onde todos saibam a Libras e possam interagir e desenvolver potencialidades, A esse respeito, foi perguntado se os professores o ajudam o aluno surdo a interagir com os colegas, a resposta dele foi a seguinte foi dizendo que os professores pedem para ele fazer trabalhos e sobre as notas apenas.

A resposta do aluno para as questões anteriores nos faz refletir sobre os aspectos que compõem a história da inclusão, que no Brasil embora todos estejam conscientes que se trata de um processo que depende de mudanças sociais e a mudança de atitudes das pessoas, pelo fato de deverem ser incorporadas a seus hábitos pessoais, se tornam ainda mais lentas (PIRES, 2006 *apud* FALCÃO, 2017, p.35). Principalmente no que se refere aos alunos surdos, onde a maior dificuldade de inclusão é a língua, o meio próprio de comunicação.

Cabe ressaltar aqui, que esse aluno é um sujeito oralizado, aprendeu a falar desde a infância, o que ele diz que acha que o professor que explica bem não conversa com ele é algo bastante complexo para se analisar, pois a realidade da escola é um ambiente bem diversificado, com um número grande de turmas e conseqüentemente de alunos, o que muitas vezes leva os professores a não se aproximar de todos os alunos para conversar e conhecer sua realidade. E quando ele diz que os professores o ajudam a interagir com os demais alunos, isso acontece somente em momentos isolados, como atividades que são avaliativas não é uma interação cotidiana.

Falcão (2017, p.37) afirma que em muitas escolas da rede regular de ensino, a atual inclusão das pessoas surdas se faz apenas por meio da presença de um intérprete. Sabendo que o aluno surdo conta com a presença do intérprete de Libras em sala de aluno, foi perguntado se o intérprete facilita o entendimento das matérias ajudando a tirar dúvidas? Ele disse o seguinte:

Meu intérprete ajuda quando o professor fala, interpreta só a explicação quando o professor for muito básico, mas o estepe dele não ajuda muito, ele não melhora porque quer namorar, mas ele se esforça muito, o curso de informática é difícil (ALUNO SURDO).

Embora o artigo 17 do Decreto nº 5.626/2005 afirme que “a formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa”. No Piauí há poucos profissionais intérpretes de Libras, a maioria deles, encontram-se na capital. No interior do estado, são admitidos intérpretes que possuam cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação. E foi nesses cursos que o intérprete do aluno surdo do CEEP Petrônio Portela foi formado, quando o aluno diz que o estepe dele não ajuda muito, é querendo dizer que ele precisa melhorar buscar mais conhecimento da língua e sinais da área de informática desconhecidos por ambos.

Quando ele disse que o curso de informática é difícil, percebe-se que é pelo fato do curso ser da área de exatas, haver muitos códigos e termos técnicos desconhecidos. Diante dessa resposta, perguntou-se então, quais disciplinas do curso ele preferia? Ele respondeu que gosta das disciplinas da base comum como história, geografia e biologia. O que não é muito comum para estudantes surdos que se identificam com as disciplinas que envolvem cálculos por ser mais visual.

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ALUNO SURDO EM UMA ESCOLA TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO

Ao final da entrevista perguntou-se ao aluno surdo se ele pretendia continuar estudando, fazer universidade? Qual curso ele desejaria fazer? A resposta foi a seguinte:

Bom, eu acho que pra me estudar na universidade é muito difícil, eu não tenho vontade de ir para universidade, quando eu terminar o ensino médio, eu não vou mais fazer universidade. Eu poderia ter ido sim para universidade, eu queria escolher o curso PM, polícia rodoviária Federal, professor de Libras, também direito, mas eu acho que é complicado eu ir estudar na universidade (ALUNO SURDO)³.

O que ele respondeu demonstra claramente que o mesmo não é motivado para prosseguir os estudos, não é mostrado a ele exemplos de pessoas surdas que conseguiram se destacar através da educação. Sasaki (2010, p.40) diz que a inclusão é um processo que contribui para o desenvolvimento de uma nova sociedade através de ações, pequenas ou grandes, em ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, assim como na própria pessoa com deficiência. Acredita-se que não só os professores devem influenciar, mas também toda a família e amigos do sujeito surdo que tenha o objetivo de se qualificar profissionalmente em nível superior e assim conseguir um bom emprego.

Constituição do cenário social da pesquisa com os professores da base técnica de informática do primeiro aluno surdo do CEEP Petrônio Portela

Nessa sessão serão comentadas as entrevistas realizadas com os três professores das disciplinas da base técnica do curso de informática do CEEP Petrônio Portela, esses professores foram entrevistados em momentos diferentes e separadamente para obter respostas sem interferências do ambiente de trabalho.

O artigo 36-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº9.304/96) que trata da Educação Profissional Técnica de Nível Médio diz

[...] O ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas. E que a preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional, poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional (BRASIL, 2017, p. 29).

Este parágrafo não faz menção diferenciada a formação profissional do sujeito surdo e, muito menos nenhuma das outras alíneas da seção IV-A da LDB, garantindo as pessoas surdas igualdade perante a Lei, como está mencionado no Capítulo II artigo 4º do Estatuto da Pessoa com deficiência: “Art. 4º. Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação”. (BRASIL, 2015, p. 12). Então, as pessoas surdas têm direito garantido por lei de se inserirem na educação profissional em busca de formação adequada para assim, poderem entrar no mercado de trabalho com competência e habilidades desenvolvidas durante os cursos técnicos que melhor se adequar a suas aspirações. De ante do exposto, na entrevista aos três professores que ministram aulas no curso técnico de informática do CEEP Petrônio Portela lotados nas diferentes disciplinas da base técnica profissional, foi perguntado: A escola oferece acessibilidade necessária para o aluno surdo se desenvolver? As respostas foram as seguintes:

3 Transcrito pela autora para melhor entendimento dos leitores.

Professor A – “Oferece sim”.

Professor B – “Sim, com o auxílio do intérprete em sala”.

Professor C – “Sim, mas precisa melhorar”.

Ao professor C ainda foi acrescentando outra pergunta: Você poderia elencar os pontos em que a escola precisa melhorar para promover essa acessibilidade? A resposta foi: “Um dos principais pra mim, seria a qualificação dos professores para saber lidar da melhor maneira possível” (Professor C).

A inclusão de um aluno surdo não termina quando ele é colocado em uma sala regular, isso é apenas o início. É preciso que haja operacionalização da inclusão, que requer capacitação dos professores, recursos didáticos especializados. Nesse sentido, a pergunta feita aos três professores foi: Você já participou de alguma formação para trabalhar com alunos com deficiência? É conveniente ressaltar aqui que os três professores são estreados na profissão docente e que todos são formados em cursos de bacharelado na área de sistemas da informação, o que esclarece o fato da resposta dos três ser negativa a essa pergunta.

Outra pergunta realizada na entrevista aos três professores do aluno surdo foi: O que você faz para envolver o aluno surdo em suas aulas e interagir com os outros alunos? Apenas dois professores responderam, um deles não quis opinar:

Procuro sempre envolver ele nas atividades em sala de aula. Procuro adaptar minha aula para seu melhor entendimento, e envolver os alunos ouvintes no universo da Libras, com a ajuda do intérprete. (Professor A).

É muito difícil proporcionar uma interação. Entre eles é mais fácil, porque eles (alunos) já se conhecem e fica assim mais fácil deles se comunicarem (Professor C).

É visível que as crenças, atitudes e motivação do professor influenciam a inclusão, quando um dos professores não se posicionou em relação às formas de envolvimento com o aluno surdo, demonstrou que provavelmente não faz nada para que a inclusão aconteça. Entre as crenças e motivações se encontram: acreditar na capacidade de aprendizagem dos alunos surdos e estimular o desenvolvimento de sua autoestima. Sentimentos positivos nos alunos sem deficiência como solidariedade e respeito mútuo são desenvolvidos também pela inclusão (SASSAKI, 2010, p.42), embora os professores não tenham conhecimento da Libras, é fundamental que pelo menos mostrem-se interessados no aprendizado do seu aluno surdo, seu desenvolvimento escolar, como o professor A demonstrou fazer.

A despeito da educação entorno dos surdos, apesar de alguns autores dizerem que eles são “iguais” às ouvintes, de aprenderem “igualmente”, de que a diferença é apenas a língua, enfim negam a deficiência como questão política e ideológica e esquecem-se que por trás deste desvio conceitual muitas pessoas surdas são abandonadas pedagogicamente porque não lhes são oferecidas estratégias adequadas às suas funções cognitivas (FALCÃO, 2017, p. 47).

Não é o caso do aluno surdo sujeito dessa pesquisa, que conseguiu aprender a ler e escreve muito bem, está razoavelmente na idade certa para série que cursa. Com certeza a defasagem da maioria dos alunos surdos tem muito haver com a falta de interesse dos professores da escola regular de se envolverem com os alunos surdos e buscar melhores metodologias para que seus alunos se desenvolvam profissionalmente, pois os professores não estão sendo formados para trabalhar com as diferenças, mas sim para homogeneidade, que não existe em nenhuma parte do nosso planeta, pois a humanidade é diversa.

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ALUNO SURDO EM UMA ESCOLA TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO

Outra questão importante da entrevista foi no que diz respeito à avaliação, a pergunta foi: Como você avalia o desenvolvimento educacional do seu aluno surdo futuro profissional? Assim foi respondida:

Avalio como muito promissor, porque ele é muito dedicado e consegue absorver os conteúdos com facilidade. (Professor A).

Às vezes ele demonstra interesse em trabalhar na área, outrora não. E isso afeta diretamente no seu interesse e no seu desenvolvimento educacional (Professor B).

Vejo nesse aluno uma capacidade incrível pelo seu interesse e dedicação, embora haja barreiras, acredito em um futuro promissor (Professor C).

Diante das respostas cabe uma observação pertinente, os professores A e C fazem uma avaliação promissora do aluno surdo, enquanto o professor B avalia de forma distante o aluno, como se estivesse falando de outra pessoa. Nas observações em sala o aluno demonstrou ser uma pessoa tranquila e receptiva, sempre disposto a ajudar, a aprender e a realizar todas as atividades.

Portanto, pode-se dizer que a realidade dos professores da educação profissional precisa de formação adequada, pois o que se percebe são escolas fazendo uma inclusão incipiente, muitas vezes sem a presença de intérpretes, pois na rede estadual de educação da cidade de Picos há poucos desses profissionais que necessitam também de horário pedagógico e não há ninguém para substituí-lo. O professor B, por exemplo, só soube que tinha um aluno surdo em sua segunda semana de aula, pois na primeira, o intérprete de Libras não estava na sala, por isso a distância e a falta de empatia em suas respostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autonomia de uma pessoa surda em se tratando de qualificação profissional depende muito mais de uma nova postura de todos a sua volta do que de sua própria vontade, pois é o estímulo e a conscientização das pessoas da família, dos professores e dos amigos que poderão ser somados aos fatores de competência, funcionalidade e autonomia poderá proporcionar a empregabilidade desejada.

O estudo deixou claro que o aluno surdo sabe exatamente o que a área de informática demanda, pode-se perceber também que ele tem a perspectiva que essa área é bem remunerada e não é desgastante fisicamente. Sobre a relação professores-alunos, ele demonstrou que a maioria dos seus professores não procura se comunicar com ele e às vezes falam sobre trabalhos ou notas. O aluno sujeito dessa pesquisa gosta das disciplinas da base comum como história, geografia e biologia, o que não é muito comum para estudantes surdos que se identificam com as disciplinas que envolvem cálculos por ser mais visual. Também demonstrou claramente que não é motivado para prosseguir os estudos, fazer um curso superior, até elencou alguns cursos do seu interesse, mas desmotivado disse que seria muito difícil ele conseguir passar nas provas.

Quanto aos professores são conscientes que a escola dispõe da acessibilidade que o aluno surdo necessita - o intérprete de Libras, apenas um sente a necessidade que a escola precisa ofertar capacitação para os professores para melhorar essa acessibilidade. Como os três professores entrevistados são bacharéis na área de informática e iniciaram suas carreiras docentes recentemente, não tiveram nenhuma formação para trabalhar com as deficiências. Sobre a interação com o aluno surdo, só um dos professores procuram se comunicar com ele e pede ajuda ao intérprete para realizar a interação entre os alunos, outro professor acha que a interação

entre os alunos é mais fácil por já se conhecerem e um dos professores não quis opinar. Sobre a avaliação, dois professores avaliam o aluno surdo com um futuro promissor e um deles, disse que às vezes ele demonstra interesse outras vezes não, porém nas observações em sala, o aluno demonstrou ser uma pessoa tranquila e receptiva, sempre disposto a ajudar, a aprender e a realizar todas as atividades.

Portanto, os profissionais da educação profissional precisam refletir sobre as suas práticas docentes, para reestruturar o cotidiano da escola técnica profissionalizante, valorizando assim, a diversidade humana. Isso porque, o estudo mostrou que a área técnica precisa urgentemente capacitação para trabalhar de forma mais pedagógica, receptiva e empática, pois a sociedade não é composta de pessoas iguais e sim de diferenças que se completam e se ajudam mutuamente. Pois não é possível incluir o aluno surdo em uma sala de aula regular apenas com a presença do intérprete, é preciso garantir a ele seus direitos de prosseguir com qualidade seus estudos e conseguir um emprego fruto de seu próprio esforço.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. 2. ed. **O método em ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Thonson, 1999.

BALLESTEROS, J. M., 1749-1869. **Memória dirigida al Exmo. Sr. Ministro de Fomento relativa al viaje que de Real ordem acabe de verificar por Europa**. Madrid: Imprenta del Colegio de Sord-Mudos, 1856.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

_____. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2015.

_____. **Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio**. Documento Base. Brasília, DF, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em: 01 fev. 2018.

_____. Decreto nº 5,840, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 14 jul. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5840.htm. Acesso em: 17 ago. 2018.

_____. Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 31 jan. 2018.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 25 abr. 2002. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 01 fev. 2018.

_____. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o §2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ALUNO SURDO EM UMA ESCOLA TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO

nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 18 abr. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec2208.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2018.

_____. Lei nº 8.213 de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência e dá outras providências a contratação de portadores de necessidades especiais. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 25 jul. 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm. Acesso em: 12 jul. 2018.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 12. ed. Campinas: Paz e Terra, 1979.

FALCÃO, L. A. **Surdez, Cognição Visual e Libras: estabelecendo novos diálogos**. -5. ed. revisada e ampliada. Recife: Ed. do Autor, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994. (Yin, 1981)

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

KLEIN, M. **Tecnologias de governo na formação profissional dos surdos**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/3696>. Acesso em: 31 jan. 2018.

_____. Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. In: Carlos Skliar. (org.). **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4ed. Porto Alegre/RS: Mediação, 2010, p. 75-92. (v. 1).

_____. **Movimentos surdos e o discursos sobre surdez, educação e trabalho: A constituição do surdo trabalhador**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO - ANPED, 24., 2001, Caxambu (MG). **Anais...** Caxambu (MG), 2001. p. 135-135.

LAKATOS, E. M.; MARCONE, M. de A. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LUZ, Renato Dente. **Cenas Surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo?** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

MARQUES, D. J. C. **Trabalhos acadêmicos: normas e fundamentos**. EDUA: Editora da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2006.

PFEIFER, E. A. Formação Profissional para surdos: Resgatando uma História. *Psicologia Escolar e Educacional*, **SciELO**, v. 3, n. 1, p. 87-96, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v3n1/v3n1a11.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2018.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SILVA, A. M. da. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

VIANA, A. dos S. **A Inserção dos Surdos no Mercado de Trabalho:** políticas Públicas, Práticas Organizacionais e Realidades Subjetivas. 2010. Dissertação (Mestrado). UNIGRARIO. Rio de Janeiro, 2010.